

**Liliana Coutinho**

I setembro 2023

Pequenos gestos para  
uma assembleia: Uma carta  
em 6 andamentos

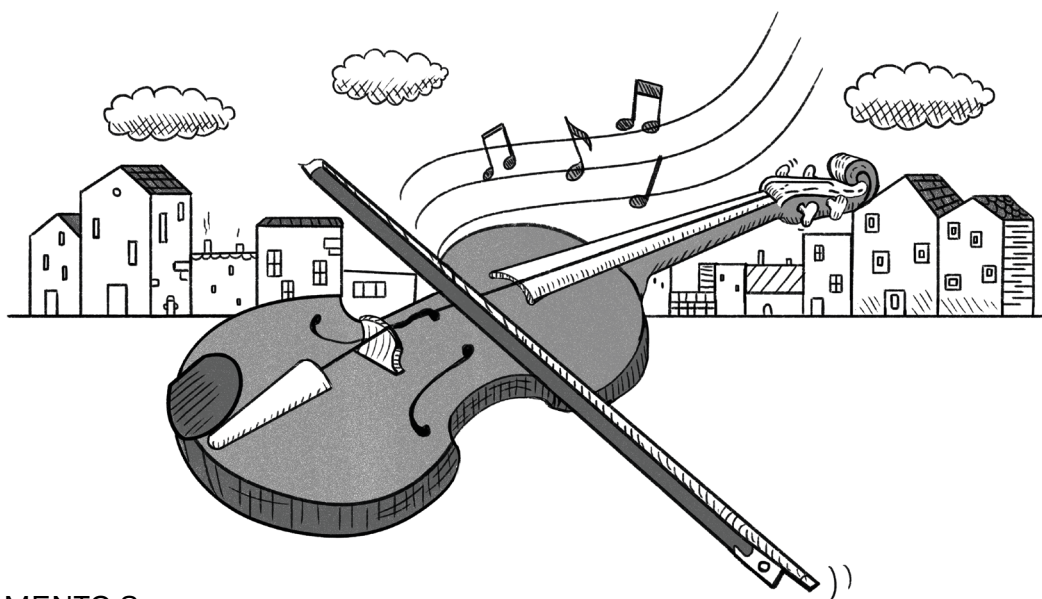


ANDAMENTO I

## **dos figos e das amêndoas: notas sobre os dias.**

Verifico as amendoeiras e as figueiras que todos os verões nos faziam dedicar alguns dias à apanha dos seus frutos. Enquanto dormíamos a sesta, ou íamos à praia, os figos secavam. No final de cada dia verificávamos se o sol já tinha feito o seu trabalho e recolhíamos as travessas de figos para que o relento não viesse interromper a secagem. Sacudíamos as formigas, que ficavam sempre com uma parte da colheita, e revirávamos para que a secagem continuasse no dia seguinte. Em certos dias, esta era a única marcação das horas.

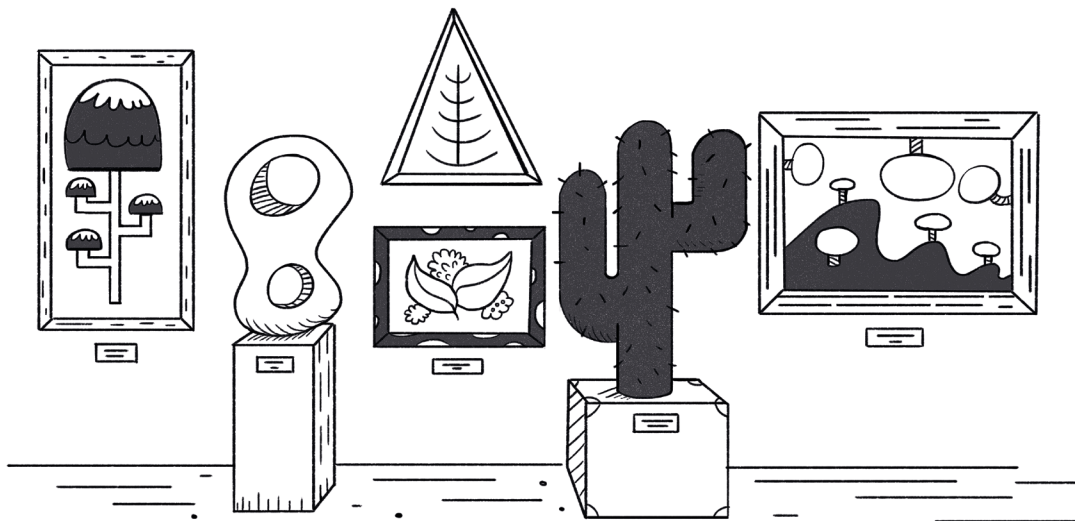
As amêndoas, estendidas nos pátios, eram peladas da sua pele exterior nos primeiros dias, enchendo-nos os dedos de uma leve resina que por vezes os escureciam por alguns dias. Os dias seguiam-se assim, e os anos, por entre férias que os culminavam – uns mais, outros menos, calmos. Os frutos duravam pelo menos até ao Natal, nos anos melhores, mais. Por vezes o esquecimento, dentro de sacas de ráfia, de partir as amêndoas fazia com que as comêssemos até tarde do ano seguinte, o que gerava sempre uma certa inquietação. Tudo o tempo altera e, se passados muitos meses e alguma humidade, as amêndoas já não tinham o mesmo sabor. O tempo fluía, e voltava no ano seguinte quase igual no que diz respeito a estes gestos. O Barlavento Sul seria o mais perto que, Lisboaeta, estive de um “ir à terra”. Voltava, no passado, porque, agora, fluí sem retorno. Perder-se-ão aqueles gestos? Larguei-os primeiro em ausências minhas – os verões desviaram-se para outros lugares ou foram ocupados com afazeres. Agora, caminhando, constato a sua impossibilidade: o ramo da árvore onde gostava de passar as tardes deitadas está seco, assim como toda a árvore que ainda permanece no mesmo lugar, esqueleto e memória de si mesma. Numa das zonas mais afetadas pela seca, tudo tem um tom de palha amarelada ou enegrecido pela falta de água e humidade. As grandes figueiras são agora memórias do que foram. Das que não secaram, vão rareando os frutos e as folhas, minúsculas, em queda antes de tempo. Espera-se que a chuva, que não se sabe se virá, salve estas árvores quase nuas? O regadio? Que gesto agora as podem salvar da queda? As mudanças climáticas, complexas que sejam, já não são um hiperobjecto. Elas apresentam-se a nós a cada pequeno momento do nosso quotidiano, da nossa história vivida.



## ANDAMENTO 2

### **do activismo: quem age?**

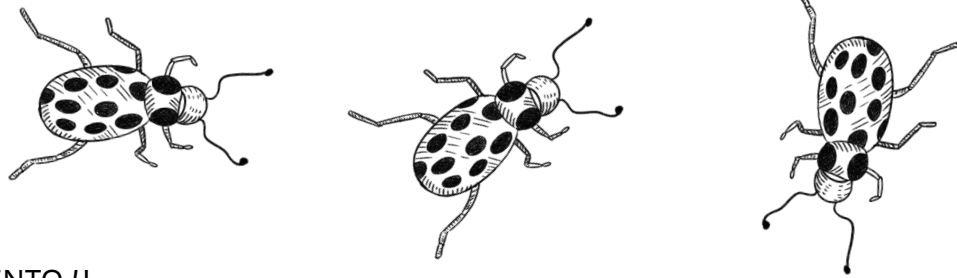
Vivia eu numa outra cidade europeia, tinha de atravessar quase todos os dias uma grande praça pedonal, um sítio de reunião, espera e encontro, para me dirigir à entrada do centro cultural que albergava a biblioteca onde eu então trabalhava. Esse lugar circundado por cafés albergava, todos os dias, uma grande diversidade de artistas e animadores de rua – de pintores a músicos, fazedores de tranças, vendedores de lenços e recordações, malabaristas. No centro de toda a panóplia, estava uma mulher anciã, antiga, sentada no chão com as pernas cobertas por uma grande saia. Era pequena, a mulher, e não era europeia. Imagino-a vinda dos lados da Ásia mais desconhecida, Sibéria, talvez, ou outra dessas zonas onde a Rússia entronca com a China. Todos os dias, em horário de trabalho, ela sentava-se e tocava uma espécie de violino – escrevo “uma espécie” porque não reconheci completamente o instrumento que ela encostava ao queixo – com uma só corda. Fica ali, todas aquelas horas, a tocar uma só nota e a sorrir. Um sorriso presente e que não muda. À sua volta, todo o burburinho de uma grande cidade e de uma das suas praças mais visitadas. À sua frente, uma grande instituição artística, que conserva e instiga a produção contemporânea com os seus temas e assuntos e pertinências sempre variadas. Pouco a pouco, dia após dia, esta mulher ia marcando o compasso das horas, e era como se o som que ela produzia fosse o alinhamento do equilíbrio de tudo, o silêncio e a calma possível e necessária, o pilar que tudo sustentava. Senti que uma grande ausência, uma grande falha no mundo, se abriu quando ela, anos depois do primeiro dia em que a vi, deixou de se sentar naquela praça. Estas pequenas coisas, as ausências que nos afetam, são o que nos indica que o mundo, existindo no mesmo lugar a mesma praça, os mesmos edifícios, quase os mesmos cafés e as mesmas coleções de arte dentro do museu, mudou. Agora, parece um simples cenário do que já foi. Uma cristalização. O fio que vibra intensamente, mas que tudo segura em equilíbrio mudou de sítio, escondeu-se ou saiu do mundo? Ou quebrou-se, tendo agora de ser procurado, refeito, re-tecido, retocado, dado a ressoar novamente. Não o fio que dirige uma orquestra bem coordenada, segundo a batuta de um maestro, mas aquele que, permeando, não dirige, não exerce poder, deixa viver as coisas e os seres do mundo nas suas harmonias e desarmonias, nas suas zonas de luz e sombra, na rigidez das suas pedras e na fluidez dos seus rios, na sua complexa ecologia.



### ANDAMENTO 3

## **das naturezas: lá dentro**

Hoje, em quase todas as galerias de arte, encontramos a natureza lá dentro. No entanto, de que forma este gesto de a transportar assim para dentro destes lugares, onde tudo era já “natureza” – mesmo se técnica, mesmo se inventada –, pode ser um acto efetivo?



#### ANDAMENTO 4

## dos insetos: outras notas sobre os dias

Estes três sujeitos marfados andaram a fazer imposturas à minha frente. Uns fiteiros, é o que é! Já os tinha visto há uns dias, bonitinhos, carapaça negra dura salpicada de branco junto à cabeça, parecem saídos diretamente da pré-história, todos juntos na estaca que apoia a cerejeira da qual comemos a única cereja. Nunca tinha visto bicho tal e deixei estar. As árvores a atraírem biodiversidade e tal... Seduziram-me, encantaram-me! Hoje fui encontrá-los separados. Primeiro encontrei um, muito sossegadinho atrás do ramo da cerejeira que me pareceu ter menos folhas... olhei melhor e pareceu-me que alguém andava a cortar as folhas pelo seu pecíolo. Pensei: "será que este sujeito está aqui à cata de que cresçam novas folhas?!" Ainda lhe dei o benefício da dúvida e fui visitar outra árvore. Eis se não quando vejo os outros dois sujeitos desaparecidos. Um deles, apanhado em flagrante delito, a roer com a as suas mandíbulas o pecíolo de uma folha! Nem a comia, roía o pecíolo e a folha caiu. Talvez tivessem comido outras, não sei. O outro, o segundo dessa árvore, deu por mim. Pôs-se literalmente a fazer o jogo das escondidas: eu olhava-o por um lado e ele desviava-se, escondendo-se atrás do tronco. Eu olhava-o por outro lado, e ele dava uns passitos para se esconder novamente. Ficámos assim um bom momento para eu ter a certeza de que não era acaso! Quem diz que os insetos não são espertos? Devem estar aqui à espera do fim do mundo para se instalarem nos sofás e usarem o frigorífico... Armei-me então de um frasco, dois pauzinhos chineses e uma pinça de madeira. Os dois da mesma árvore, assim que foram agarrados, fingiram-se de mortos, os fiteiros. Teatro... ficaram lá, tipo pedra rija, dentro do frasco. Um deles tremia de vez em quando. O terceiro, que se encontrava sozinho à cata de rebentos de folhas, era mais afoito! Caiu no chão, esperneou, tentou atacar a pinça de madeira, esconder-se debaixo da terra. Até dentro do frasco, ao contrário dos outros, abanava as patinhas indignado. Deve ser o de espírito resistente, lutador. Deixei-os numa mata, na (vã?) esperança de que não voltem a encontrar o caminho para as folhas tenras das jovens árvores. Vou estar atenta, ai! Vou, vou! Uma pessoa tem tanto trabalho a cavar buracos para pôr árvores e estes seres minúsculos tentam deitar tudo a perder... Não sei o que ganham com isso. Comessem o que há em abundância, mas não estas pequenas folhas singelas e frágeis. Se calhar ainda vão fundar um culto... o que sentirão desta experiência de terem sido abduzidos por um ser que os transportou pelo ar, meteu-os dentro de um objeto transparente não identificado, e os depositou, ilesos, noutra lugar do planeta? Penso nos teralinguistas, os tradutores das línguas dos animais – algumas só passíveis de serem traduzidas pelos humanos através da dança – que aparecem no livro *A rosa dos ventos*, de Ursula K. Le Guin: perceberei eu algum dia a linguagem destes alienígenas terrestres para que me possam um dia contar essa história? Que história da destruição e crescimento das árvores me contariam estes insetos que me aparecem como seres devastadores?



## ANDAMENTO 5

# “tudo aqui é mata<sup>1</sup>”: Conversar

Nada do que é dito ou feito virá somente da intenção humana. Os povos mapuches<sup>2</sup>, por exemplo, veem em cada língua uma ligação específica com a terra, e também uma ligação contínua entre mundos. Uma congregação de corpos, acrescentaria. Uma “humanidade expandida<sup>3</sup>”, com o humano a ser projetado para além do homo sapiens, estendendo-se para plantas e outros seres, ou um modo de acesso capaz de reconhecer uma alteridade ainda mais radical, onde a noção de humanidade é dissolvida nesta conversação não antropocentrada? Como falar com a planta que não se apresenta como humana, como entrar em relação com o *fora* que esta traz?

Há já uma tecnologia na florestania<sup>4</sup>, na sociabilização que é feita entre os humanos e os múltiplos seres que fazem a floresta, todos coexistindo e reconhecendo-se mutuamente neste direito a existir, em modo de conversação contínua, mesmo quando em silêncio, mesmo através dos seus espaços de escuridão e obstrução. Para que haja esta conversação, é preciso que esteja também presente a escuta do que silenciámos, do que, pensámos um dia, não teria linguagem em comum conosco, do que estaria fora dos sistemas de linguagem. A escuta de uma teia que transmite o som da palavra sem distância, que “leva longe<sup>5</sup>”.

Não há silêncio nas florestas.

<sup>1</sup> MEMÓRIAS ANCESTRAIS - Tudo aqui é mata - Luiz Rufino e Amora Pêra, em *Selvagem*, ciclo de estudos sobre a vida:  
<https://rb.gy/y0whz0>

<sup>3</sup> Sobre a linguagem e as plantas e a possibilidade de uma humanidade expandida, ouvir, a partir do minuto 14, a conversa *Ciclo dos Sonhos – Planta Sonho*: Leandro Altheman e Ailton Krenak:  
<https://rb.gy/i3w405>

<sup>2</sup> A este propósito ver o trabalho da linguista Elisa Lacoan Antileo: <https://rb.gy/n2afn0>

<sup>4</sup> A propósito deste tema, ver: <https://rb.gy/rcb30>

<sup>5</sup> AYVU RAPE: <https://rb.gy/msdi7v>

## Lá fora



O filósofo francês Frederic Neyrat escreveu sobre um caminho para a filosofia que, talvez, possa ser também um caminho para a arte: pensar para além das urgências do nosso tempo, defendendo que é necessário um “fora”, um “exterior” para pensar. Aparentemente, este “exterior” aparece-nos como uma distância, talvez uma fuga do mundo. Paradoxalmente, não o é: “O exterior é a falha renovada do mundo, aquela que se abre a cada nascimento, a cada ventre que dá vida; falha que ocorre com os eventos não orgânicos que separam as coisas de si mesmas; lacuna que se apresenta com cada obra de arte. (...) Não há um fora, mas sim essa infinidade de foras interiores que atravessam exatamente o que se chama, apesar de tudo, de mundo.<sup>6</sup>

Que “fora” é este? Uma “infinidade interna”, uma infinidade de caminhos que nos atravessam e que atravessam o mundo. Este “fora” não é uma distância da chamada “realidade das coisas”, não é uma distância do mundo, é antes uma aproximação, uma outra aproximação, um convite, e não uma obrigação, a uma outra entrada em relação.

Talvez a um sentir que nos leve a, em vez de atravessarmos e ocuparmos lugares – com os seus frutos, as suas folhas caídas, os seus insetos, por mínimos que sejam –, sentir que são os lugares os que nos ocupam e atravessam. São os lugares que nos ocupam, para que possamos, à nossa vez, ocuparmo-nos deles. Lugares em relação aos quais nos tínhamos tornado um fora e que queríamos, repelidos, fora de nós, os civilizados, os que se esqueceram da linguagem-correlação possível entre nós, as plantas e os animais. Um lugar-atravesamento, floresta de tensões e dos fantasmas que fazem o nosso mundo.

Se for a forma que dão os artistas a estes atravessamentos *lugares-nós*, podemos lembrar que o acto expressivo, tal como nos foi proposto por John Dewey no seu *Art as Experience* (1934), é esse gesto de digerir resistências e dificuldades várias que compõem a matéria do mundo com o qual estamos em relação, de atravessar e de aceitar o inaceitável o que nos impede e limita, para o devolver ao mundo de uma outra forma. Relembremo-nos que é preciso atravessar opacidades difíceis da história, zonas turvas e sujas, como refere a coreógrafa Vera Mantero, a propósito da sua peça *O limpo e o sujo*: “só se formos mexer na ferida, naquilo com que não se consegue lidar – e fazê-lo de uma forma consequente, que não é com florzinhas nem borboletas – é que vamos lá chegar, é que se mexe em alguma coisa e se reformula<sup>7</sup>.” Os gestos e os modos pelos quais as artes têm de pegar nas matérias do mundo – reais e imaginárias, físicas e metafísicas – terão aqui um espaço de ação possível e sem receituário prévio.

<sup>6</sup> « Le dehors est la faille renouvelée du monde, celle qui s'ouvre avec chaque naissance, chaque ventre donnant vie ; faille qui advient avec les événements non-organiques qui disjoignent les choses d'elles-mêmes ; écart qui se présente avec chaque œuvre d'art. Le dehors n'est pas le neutre, la ruine, le silence, l'oubli, le désastre du désastre, mais tout au contraire l'expression vivifiante de ce qui a lieu comme parole, émergence, éclat hors toute neutralité. Il n'y a pas un dehors, mais cette infinité de dehors intérieurs qui traversent de part en part ce que l'on appelle malgré tout un monde. », consultado a 13 de setembro 2022, em: <https://rb.gy/co8vlj>

<sup>7</sup> Folha de sala de Vera Mantero *O LIMPO E O SUJO*: <https://rb.gy/w3dbwy>